



## AS “OUTRAS” DO OUTRO”: PIONEIRAS ARQUITETAS NO NORDESTE BRASILEIRO: MIGRAÇÕES, GÊNERO E REGIONALISMO.

História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil

**Guilah Naslavsky**

Doutora FAUUSP, Professora do MDU/DAU/UFPE  
E-mail: guilah14@gmail.com

**Maria Luiza Rocha Mariz Valença**

Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE e pesquisadora PIBIC/PROPESQ/UFPE  
E-mail: malumariz12@gmail.com

### **Resumo:**

Este artigo tem como objetivo identificar as trajetórias e estratégias profissionais das mulheres arquitetas formadas no Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco/FAUR nos 50 e 60, bem como suas áreas de atuação e posição no mercado de trabalho sob a ótica do gênero, identificando as descobertas de novas áreas de atuação desprestigiadas pelos colegas arquitetos, mas a fim de questionar qual foi o papel das mulheres na arquitetura. Após a análise de suas trajetórias concluiu-se a relação entre migrações intra-regionais, gênero e cultura popular do Nordeste brasileiro. **Palavras-chave** migrações; gênero; arquitetura vernacular; Escola de Belas Artes de Pernambuco; regionalismo.

### **Abstract:**

This article aims to identify the trajectories and professional strategies of female architects graduated in the Escola de Belas Artes de Pernambuco/FAUR in the 50s and 60s, as well as their areas of work and position in the labor market from a gender perspective, identifying the discoveries of new areas of practice discredited by fellow architects but in order to question the role of women in architecture. After analyzing their trajectories, the relationship between intra-regional migrations, gender and popular culture of Northeast Brazil was concluded.

**Keywords (título em negrito e itálico):** *migrations, gender, vernacular architecture, Escola de Belas Artes de Pernambuco; regionalism.*



## AS “OUTRAS” DO OUTRO”: PIONEIRAS ARQUITETAS NO NORDESTE BRASILEIRO: MIGRAÇÕES, GÊNERO E REGIONALISMO.

### Introdução

Buscando construir uma história da arquitetura na América Latina mais ampla e diversa, Torre (2002) apontou a ausência da contribuição das mulheres no discurso cultural, especialmente, aquelas que trazem juntas as culturas indígena, ibero-americana e africana.

Essa ausência no entanto não só diz respeito às arquitetas, mas também a profissionais de regiões “periféricas” do globo, trazendo à tona a omissão de qualquer arquitetura que não seja fundamentada no padrão masculino europeu ou americano.<sup>1</sup> Em razão da manutenção de uma falsa homogeneidade da arquitetura, uma infinidade de arquiteturas cujas trajetórias divergiram do padrão eurocêntrico e hegemônico da arquitetura ocidental, ainda permanecem fora das coletâneas internacionais de arquitetura.

Essa condição de alteridade torna a trajetória das mulheres no Nordeste brasileiro duplamente desprezada e marginalizada, são as “outras” do “outro”. Uma das razões para tal exclusão pode ser a noção de alteridade construída pela historiografia brasileira para a região Nordeste.<sup>2</sup>

As trajetórias de arquitetas que atuaram no Nordeste brasileiro e fizeram dessa região seu campo de pesquisa, ainda permanecem em sua maioria ausentes ou excluídas das historiografias da arquitetura nacional, sobretudo, se considerarmos a enorme quantidade de trabalho feito na região, especialmente, aquelas que fizeram da cultura do Nordeste o seu campo de conhecimento, pesquisa e atuação profissional.

Mobilidade e trânsitos internacionais ou intra-nacionais também favoreceram estratégias de atuação de mulheres. As dificuldades com guerras, perseguições, ou as próprias escolhas

<sup>1</sup> No caso brasileiro, fora as ausências femininas, as ausências dizem respeito às arquiteturas do eixo-Rio-São Paulo. (ver NASLAVSKY, 2014; 2018).

<sup>2</sup> Para Albuquerque Jr. (2009), Nordeste foi o termo cunhado em 1919 para designar área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCs), utilizado sempre em oposição ao Sul (Sudeste) para diferenciá-lo do Norte e do Sul, filho das secas, que desde 1877 (como a grande seca) afetaram a região, que serviu às elites como estratégia de arrecadarem recursos para combater as frequentes secas da região; foi um conceito inventado para explicar a alteridade brasileira; espaço de saudades e territórios de revolta e utopia; foi desenvolvido no âmbito da cultura brasileira e utilizado em oposição ao Sul (Sudeste) para diferenciar o Norte do Sul, foi um conceito artificial gestado no âmbito da cultura brasileira. O Nordeste não é recortado só como unidade econômica, política e geográfica, mas, principalmente como um campo de estudos e produção cultural, baseado numa pseudo-unidade cultural, geográfica e étnica” (Idem, 2009: 33). Os vários Nordestes foram narrados segundo a construção de identidades e refletem uma geografia em ruínas com a ascensão de um novo regionalismo que propiciou a invenção do Nordeste como o espaço da saudade e territórios da revolta e utopia. A ideia de Nordeste é uma construção, retrata uma geografia não existe do ponto de vista físico: a divisão territorial para fins administrativos engloba uma geografia composta de microrregiões completamente distintas entre si (litoral, zona da mata, agreste, sertão). O flagelo da seca pelo qual foi gestada a ideia de Nordeste, não serve para distinguir a região, hoje a seca não ocorre apenas no Nordeste. As tradições são bem distintas, tampouco há unidade religiosa, os estudos mais recentes mostram a permanência de rituais judaicos no interior do sertão e a forte presença de cristãos novos, - a culinária da região não é única. O açúcar predominou na zona da mata; no sertão e no agreste as culturas são outras e predomina a agricultura de subsistência. A divisão entre nordeste pobre e sudeste rico, já não faz tanto sentido se constatamos os bolsões de pobreza cada vez maiores na região Sudeste, nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. (Albuquerque Jr., 2009).



profissionais acabam muitas vezes por estabelecerem descolamentos determinantes na escolha ou descoberta de novos campos profissionais e de atuação. (LEE, SIDDIQI, 2018).

As mulheres arquitetas buscaram desenvolver campos profissionais pouco explorados e pouco valorizados pelos arquitetos homens como estratégias de atuação profissional. (WRIGHT, GWENDOLYN. Apud. In: LIMA, 2014), como paisagismo, habitação social, design de interiores, museografia, cenografia, entre outras.

Migrações, gênero e regionalismo têm convergido para explicar o trabalho de arquitetas e sua luta por espaço no campo profissional, e o conhecimento e expertise sobre a cultura vernacular foi uma das estratégias escolhidas por arquitetas para afirmação profissional em um campo de conhecimento ainda pouco explorado.<sup>3</sup> Descobrir a riqueza dos inventários e a arquitetura vernacular como alternativa aos arquitetos contemporâneos para construção de melhores casas contemporâneas, foi alternativa usada por arquitetas em busca de afirmação profissional. (HYENEN, 2008; 2013).

As migrações intra-regionais e expedições exploratórias para o Nordeste brasileiro em busca de conhecimento sobre cultura vernacular da região (inventários, levantamentos documentais sobre arquitetura vernacular, artesanato ou técnicas construtivas tradicionais) foram estratégias utilizadas pelas arquitetas como forma de atuação de afirmação profissional em um mercado bastante concorrido e predominantemente masculino. (NASLAVSKY, 2018). Essa prática favoreceu a descoberta de novos campos profissionais: habitação social, desenvolvimento urbano, planejamento urbano, ensino e pesquisas acadêmicas, técnicas construtivas tradicionais, história da arquitetura brasileira, bem como, design de interior, museografia, entre outros.<sup>4</sup>

## O Papel da Escola de Belas Artes de Pernambuco na Formação das arquitetas

Uma avaliação da história da Escola de Belas Artes de Pernambuco pode nos explicar melhor sobre ausência das mulheres na formação dos quadros profissionais de arquitetura. Marques (1983) em *Maestro sem Orquestra*, evidencia que os quadros de Escola de Belas Artes de Pernambuco eram precários no que concerne a professores arquitetos.

Fundada em 1932, por um grupo de pintores, desenhistas, escultores e intelectuais a Escola de Belas-Artes, que foi moldada pelo Decreto Federal nº 19852, que "*reorganiza o Ensino Artístico, Technico-Profissional*", (...) "*mantém cursos especializados de Arquitetura, Pintura e Esculptura*", (...) "*ministra as cadeiras livres de Composição de Arquitetura, Theoria de Arquitetura, Artes decorativas e applicadas, Desenhos de: ornatos, figurado e modelo vivo. Esculptura de ornatos, Gravura, Esculptura e Pintura, etc.*"<sup>5</sup> (sic). "*Os fundadores da Escola*

<sup>3</sup> Em *Native Genius in Anonymous Architecture* (1957) Sibyl Moholy-Nagy destaca-se pelo trabalho de inventário e valorização da arquitetura vernacular e nativa norte-americana como estratégia de afirmação profissional em um campo pouco reconhecido pelos homens arquitetos. (HEYNEN, 2008); Scott Brown pesquisou a cultura popular norte-americana; (HEYNEN, 2008; 2013). Atitude semelhante foi empreendida pela arquiteta Minette da Silva, (*The Life and Work of an Asian Woman Architect*, que atuou na Índia e cujos projetos enfatizam a adaptação aos trópicos e as questões regionais. (SILVA, 1998)

<sup>4</sup> Um exemplo pioneiro foi o da célebre arquiteta Lina Bo Bardi que desbravou o campo nordestino ao atuar na Bahia entre (1958-1964), deixou-nos um grande legado de conhecimento sobre a cultura dessa região (a casa, as técnicas construtivas tradicionais, o artesanato popular, utensílios domésticos e assentamentos urbanos). BARDI, Lina Bo. **Tempos de Grossura**. São Paulo, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi. 1994. 78p. O artesanato do Nordeste foi a matéria prima utilizada por Janete Costa, que teve uma brilhante carreira na decoração de interiores e expografia.

<sup>5</sup> Escola de Bellas Artes de Pernambuco. *A Província*. Recife, 10, jul. 1932, no 109.



de Belas Artes de Pernambuco não passavam de escultores e pintores de formação tradicional e que mantinham conceitos sensivelmente conservadores a respeito do que deveria ser a escola". (Marques, 1983:164).

O corpo docente da EBAP era formado por "34 professores, constavam 6 bacharéis em Direito, 7 engenheiros, 6 arquitetos ou seja, profissionais que mesmo sem formação acadêmica específica executavam projetos. Dentre eles, muitos foram licenciados pelo CREA depois da regulamentação profissional: 1 arquiteto formado em São Paulo, 7 pintores, 3 escultores e 1 pianista". (MARQUES, 1983:186-187). Vale ressaltar que apenas em 1943 uma mulher figurava entre o corpo docente da Escola de Belas Artes: a pintora Fédora do Rego Monteiro Fernandes.

Reconhecida oficialmente em 1945, na gestão do prof. Pelópidas Silveira, a escola consegue o direito de expedir diplomas válidos em todo o território brasileiro. (BALTAR,1957:11). Assim, "Reconhecida oficialmente a Escola de Belas Artes em 1945, os respectivos diplomas de arquiteto começaram a ser expedidos somente a partir de 1948, embora o seu registro tivesse ainda que aguardar a futura validação do curso". (MARQUES,1983:180-1)

O Curso de Arquitetura permanece sob orientação tradicionalista: nos cursos de desenho e nas aulas de modelagem, lecionadas por um estucador, os alunos eram solicitados a moldar capitéis coríntios e flores de acanto; nas aulas de desenho e pintura, sob orientação de Fédora do Rego Monteiro, seguiam a orientação tradicional. Foi Lula Cardoso Aires, pintor moderno que, substituindo Fédora do Rego Monteiro, introduziu no ensino de desenho o estudo das cores e das formas geométricas simples, tais como as da bandeira do Brasil, uma vez que nas cadeiras de teoria, sob orientação de José Maria de Albuquerque Melo, os alunos ainda eram solicitados a desenhar composições estilísticas (MAIA NETO, 2001). É só em 1948, após a sua oficialização que o curso de arquitetura ganha a autonomia o que possibilitou a sua organização em moldes modernistas.

Nos anos 50, o curso de arquitetura da Universidade do Recife, a terceira cidade mais importante do país<sup>6</sup>, era um dos mais importantes do país e foi responsável pela formação de várias mulheres que começam a encher os bancos de sala de aula e findam por participar mais ativamente da vida profissional. Era uma das sete escolas de arquitetura nacionais (junto ao Mackenzie, FNA, UFBA, FAU, UFMG, UFRGS), um dos poucos centros representativos do ensino de arquitetura e formação de jovens arquitetos, recebe candidatos das regiões Nordeste e Norte do país. (MARQUES, 1983). Também a Escola de Engenharia de Pernambuco é uma das pioneiras do país e um dos polos de desenvolvimento técnico e científico da região. (BALTAR, 1995 In: MONTENEGRO; SIQUEIRA; AGUIAR (org.), 1995).

Vale salientar que na década de cinquenta, o Curso de Arquitetura local o único da região. Desde a criação das Escolas Livres e da experiência de Luiz Nunes na DAC/DAU, Recife torna-se um campo de atuação de profissionais especializados no campo da arquitetura. Oficializado em 1948, o Curso de Arquitetura ganhou autonomia em 1958 e tornou-se independente de Belas Artes, com a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Recife.

Desta feita, o Curso de Arquitetura foi responsável pela formação das arquitetas que atuaram em todo o Nordeste brasileiro, tendo contribuído para a disseminação dos conhecimentos sobre a profissão e direcionamento profissional de muitas de suas alunas. Algumas alunas relatam questões de discriminação de gênero no âmbito dos bancos escolares, em épocas e

---

<sup>6</sup> Nos anos 50, Recife, capital do Estado, é a terceira cidade nacional em população e em renda, líder regional no Nordeste. Centro de uma região, era o local da clientela especializada, erudita e endinheirada.



contextos distintos com relatos que distribuídos com intervalos de vários anos praticados por professores de projeto em relação ao alunato do sexo feminino.

Muitas mulheres migraram de outras cidades e estados do Nordeste como Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, em busca de formação superior.

Durante os anos 1949-76, 345 alunas concluem o Curso de Arquitetura na EBAP/FAUR, sendo o ano com maior concluintes 1971<sup>7</sup>. O aumento de alunos/formandos, de todos os gêneros, na universidade durante os anos 70 se deve à demanda das camadas médias em ascensão por mais vagas nas universidades, acarretando em mobilizações no início dos anos 60 e resultando numa reforma universitária que ampliou o número de vagas nas universidades públicas. (SAVIANI, 2010)

Portanto, o Curso de Arquitetura foi responsável pela formação das arquitetas que atuaram em todo o Nordeste brasileiro, que começam a encher os bancos de sala de aula e findam por participar mais ativamente da vida profissional, tendo contribuído para a disseminação dos conhecimentos sobre a profissão e direcionamento profissional de muitas de suas alunas.

Algumas alunas relataram questões de discriminação de gênero no âmbito dos bancos escolares, em épocas e contextos distintos com relatos que distribuídos com intervalos de vários anos praticados por professores de projeto, área mais privilegiada da profissão, em relação ao alunato do sexo feminino.

Essas questões foram confirmadas em depoimento à autora por duas estudantes que estudaram na Escola local em épocas distintas: Edileusa da Rocha, arquiteta da SUDENE (formada em 1957) e Sônia Marques, aluna entre 1968-1972, também ex-professora do Curso de Arquitetura (formada em 1972). Ambas relataram posturas de alguns dos professores que remetem a discriminação de gênero em relação as estudantes mulheres, geralmente confundidas com “*esperando marido*” nos cursos de arquitetura, ainda predominantemente masculinos. A despeito das épocas distintas, esses relatos comprovam as atitudes de discriminação por parte dos professores do sexo masculino.

### **Arquitetura Popular no Curso de Arquitetura**

Em 1951, chegam em Recife os arquitetos Delfim Amorim e Acácio Gil Borsoi, ambos foram ensinar na EBAP e contribuíram definitivamente para a formação das novas gerações em moldes modernistas. Lecionaram a cadeira de pequenas composições e grandes composições, respectivamente. O ensino de arquitetura com o professor Amorim tinha ênfase no humanismo: “Leitor contemporâneo de Lefèvre”. Amorim defendia, como o francês, as premissas do novo humanismo, como uma alternativa à desumanização da arte.

As ideias sobre a humanização da arquitetura, história e a cultura estão presentes nas ideias de Amorim, em 1957, no texto “*Arquitetura e Construção*”, quando escreveu:

Elementos os mais diversos, individuais ou coletivos, constituindo a realidade social de um determinado momento histórico, (...) entram em jogo na composição da obra de arte, cuja síntese o artista se esforça por atingir, criando um objeto que é a expressão de uma luta- a luta contra a desumanização o que leva Henri Lefebvre a afirmar que a arte ‘não é somente a expressão de um determinado momento histórico, mas sim a conquista do humano através e contra os entraves deste mesmo momento histórico. (AMORIM, 1957).

---

<sup>7</sup> Pesquisa no acervo documental da EBAP/Universidade do Recife, localizada no Memorial Denis Bernardes (Biblioteca Central – UFPE), realizada por Ana Clara Bione, Maria Luiza Mariz e Raissa Maranhão em 2018.



Essas questões levantadas por Amorim estiveram presentes nas discussões do Vº Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado em Recife, que propôs “*debater soluções concorrentes à Arquitetura Popular no Brasil e a influência da cultura popular e das tradições brasileiras na criação e desenvolvimento da Arquitetura Popular nacional*”<sup>8</sup>.

Em meados dos anos 50 e durante os anos 60, as excursões e viagens de estudo eram frequentes entre os estudantes do curso de arquitetura, tanto para a Europa como também ao Nordeste brasileiro. Nessas ocasiões, o professor Delfim Amorim “*apontava exemplares de arquitetura popular nordestina aos estudantes de arquitetura*”. (SILVA, 2003)

Em 1957, o arquiteto Delfim Fernandes Amorim acompanhou alunos da Faculdade de Belas Artes em Excursão Cultural para a Bahia, com a presença da aluna Edileusa Dantas de Oliveira como estudante da graduação. Portanto, questões da cultura popular e técnicas construtivas tradicionais do Nordeste brasileiro fizeram parte dos debates de formação dos arquitetos locais.

### **Edileusa da Rocha: habitação social e atuação na SUDENE**

Edileusa Dantas de Oliveira<sup>9</sup> (Recife, 1933), fez Escola Superior de Educação Física durante o segundo colegial, desde então seu desejo sempre foi fazer o curso de arquitetura, atitude que sempre teve o apoio pela sua família.

Estudou arquitetura na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife entre 1953-1957. Buscou a especialização profissional para sua afirmação dentro da profissão, principalmente cursos relacionados ao urbanismo e desenvolvimento urbano/econômico, além do estudo de línguas. Sempre muito dedicada ao desenho, seu primeiro estágio foi como desenhista de móveis em uma marcenaria. Durante a graduação também deu aulas de reforço em matemática.

Durante o curso de arquitetura teve oportunidade de fazer uma viagem para Bahia com o Prof. Amorim num navio, a quem os estudantes haviam escolhido como professor guia.

A busca por formações complementares e o direcionamento para o meio acadêmico em detrimento da área de projeto, muitas vezes se constitui como a única alternativa de se ter estabilidade financeira e possibilidade de estruturar uma família, como afirma Edileusa Oliveira da Rocha afirma em entrevista:

Quando eu me formei intensifiquei o meu esforço em desenvolver meu conhecimento, então eu tinha o primeiro fascículo da revista módulo, sempre fui atendida com as questões de vanguarda profissional, como eu tinha a tradução do livro de LEBRET sobre pesquisas de obras públicas, na área de geografia, na localização das águas,[...] tive uma notícia que o Departamento de Obras Públicas do Estado estava precisando de um arquiteto, mas aí quando eu falei esse negócio, não pode ser mulher, porque era para fiscalizar as obras, era para viajar, e tinha que passar as semanas fora. Consegui a vaga para arquiteto para acompanhar as pesquisas urbanas em cidades do interior, fui contratada pelo governo do estado, fui capaz de planejar minha primeira viagem para Timbaúba. eu fiz isso em 1958, então finalmente eu fui fazer pesquisa urbana. (ROCHA, 2019).

A arquiteta enfrentou também outras dificuldades pelo fato de ser mulher, perdeu a oportunidade de receber uma bolsa de estudos no *Pratt Institute* de Nova York para um curso sobre planejamento urbano por não ter recebido uma carta que deveria ser escrita por um de seus professores, mas que nunca foi escrita e entregue à ela: o professor “*sempre tinha os*

<sup>8</sup> Regulamento do Vº Congresso Brasileiro de Arquitetos. In: Página de Arquitetura, nº 84. **Folha da Manhã**. Recife, 5 maio 1957.

<sup>9</sup> Edileusa de Oliveira Rocha a partir de 1967, quando se casou na França.



alunos [homens] com ele” e que a carta que nunca recebeu, sem nenhuma justificativa, era “merecida”. “O Prof. Antônio Baltar nunca a escreveu...”

A partir deste relato é possível afirmar que Edileusa Dantas de Oliveira foi prejudicada profissionalmente, indicando que possivelmente as mulheres dentro da academia ou do meio profissional eram intencionalmente lesadas e/ou direcionadas para certas áreas de atuação. No entanto, não se esquivou, partiu para especialização profissional num campo pouco explorado pelos homens: a pesquisa em planejamento urbano e habitação social.

Em 1959, fez o Curso de Treinamento em Problemas de Desenvolvimento Econômico, realizado numa parceria das Nações Unidas com o Governo Brasileiro, o que possibilitou-a ser contratada pela SUDENE que naquela época estava começando e contratando profissionais com expertise na área.

Em março de 1961, fez o curso de “O papel da Geografia no Conjunto das Ciências do Homem” ministrado por Prof. Michel Rochefort no Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais. Entre 1965-1966, fez o curso de *Amenagement du Territoire et Planification Régionale*, ganhou o *Diplome D’Etudes em Developpment do Institut International de Recherche et de Formation en vue du Développement Harmonisé* em Paris. Em 1966-1967 buscou formação no *Institut d’Urbanisme da Université de Paris*, e obteve o diploma exaltando seu trabalho e sua assiduidade.

Edileusa Oliveira da Rocha atuou na SUDENE, onde ocupou diversos cargos de coordenação em política e projetos de habitação social e desenvolvimento urbano e regional, entre os anos 1962-77 e também na FIDEM, entre os anos 1976-77.

Em 1976, foi para a Escócia fazer especialização em ‘*British Planning Practice*’ para *Mid-career course for Brazilian Planning Oficiais* na Universidade de Edinburgh.

Em 1981, fez novo aperfeiçoamento profissional realizado em Paris na *Agence pour la Cooperation Technique Industrielle et Economique*.

Em 7 de Abril de 1986, Edileusa Oliveira da Rocha fez o curso de curta duração: “A urbanização nos Diversos Contextos Históricos e geográficos” promovido pelo Mestrado em Desenvolvimento Urbano, no período de 1 a 4 de abril de 1986, com o Prof. Milton Santos.

Em 19 de novembro de 1991, concluiu e colou grau no Curso de Mestrado em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, obtendo então o título de mestre em Desenvolvimento Urbano.

Sua carreira brilhante com diversas oportunidades de cursos no exterior do país, visando sempre o aperfeiçoamento em questões do urbanismo e habitação social direcionadas a problemática do Nordeste, e por não ter se abatido frente às dificuldades enfrentadas em relação à discriminação de gênero presente no campo profissional.

Afirma que sempre teve preocupações com as instalações de serviço quando solicitada para projetar edificações habitacionais, “seja fazendo uma casinha ou um grande conjunto habitacional”, ou seja, o papel dos espaços destinados à mulher, lições que também colheu no curso sobre habitação social que fez em Bogotá. (ROCHA, ABRIL/2019)

Nos anos 70, fez parte do SOS mulher, grupo feminista que defendia os direitos profissionais das mulheres de baixa renda, juntamente com Sônia Correia e Betânia Ávila. Nesse período, atuou como projetista elaborando as primeiras casas-pátio, e elaborou o projeto de sua própria residência no lago de Apipucos.



A sensibilidade de Edileusa em projetar ambientes preocupados com a situação feminina dentro da sociedade<sup>10</sup>, demonstra seu interesse pelas pautas feministas, bem como sua participação em fóruns e encontros relacionados ao tema, como o Encontro Nacional de Articulação de Mulheres do Brasil, em 1994 no Rio de Janeiro, o Encontro Latino-americano preparatório da IV Conferência Mundial de Mulheres, em Mar Del Plata, e do Fórum de ONG da IV Conferência Mundial de Mulheres - ONU, ambos em 1995.

Assim, é possível perceber que a preocupação feminina em valorizar o trabalho doméstico, fazendo com que este seja reconhecido como um trabalho de fato, é uma demanda antiga, mas que existe até os dias atuais.

Nessa perspectiva, a arquiteta e urbanista Edileusa de Oliveira Rocha teve uma atitude profundamente comprometida com as questões feministas do Nordeste e o papel da mulher no ambiente doméstico, seja ela como projetista ou como usuária das habitações sociais que projetou nos órgãos em que atuou (inclusive a SUDENE), fez com que entendesse profundamente problemática da habitação social do Nordeste, chegando a um olhar privilegiado, a partir da perspectiva dos subjugados, portanto, uma visão privilegiada da realidade Nordestina e regional, que podemos definir como objetividade feminista, segundo Haraway (1995).

### **Neide Mota de Azevedo - Do Pote à Cidade: Métodos construtivos tradicionais do Nordeste**

Neide Mota de Azevedo (1932-2015), arquiteta formada na Escola de Belas Artes de Pernambuco (1953-1957), nasceu na cidade de São Bento do Una, interior do Estado de Pernambuco e era filha de agricultores. Aos nove anos veio morar em Recife, para continuar seus estudos. Como estudante, integrou a equipe do Escritório Técnico da Cidade Universitária, tendo sido contratada arquiteta entre 1958-1964, por indicação do professor Evaldo Bezerra Coutinho. (LAPROVITERA, 2009).

Durante o curso foi marcada pelos ensinamentos de Acácio Gil Borsoi, professor de Grandes Composições de Arquitetura, que tinha o hábito de levar seus alunos para as obras que desenvolvia nesse período e que foi o responsável por despertá-la para o gosto pelos detalhes arquitetônicos da edificação. Os professores de história da arquitetura e da arte, Evaldo Bezerra Coutinho, bem como o professor de arquitetura brasileira, Ayrton de Almeida Carvalho, na época, diretor do SPHAN também foram muito importantes em sua formação. (LAPROVITERA, 2009).

Em sua trajetória, a arquiteta auxiliou as pesquisas para Cajueiro Seco de Acácio Gil Borsoi e Gildo Guerra, desenvolvidas na Universidade, sob os auspícios da SUDENE (1962-1963),

---

<sup>10</sup> O tema foi abordado mais profundamente por Dolores Hayden em "The Grand Domestic Revolution" (1981). Em seu capítulo introdutório, a autora aponta para as demandas exigidas pelas "feministas materiais", vertente feminista que se ateu às questões econômicas e espaciais da vida cotidiana, contestando por exemplo a forma do espaço doméstico, que isolava as mulheres e tornava seu trabalho invisível. A partir disso, propuseram cidades e casas feministas, com novos arranjos urbanos e arquitetônicos, como por exemplo as casas sem cozinhas e trabalho doméstico socializado, a fim de igualar as mulheres na sociedade. As demandas pelo reconhecimento do trabalho doméstico parecem ter surgido com a Revolução Industrial, num contexto onde as mulheres passam a não só possuir seus afazeres domésticos socialmente atribuídos como também o trabalho fabril. Dessa forma, em 1903 Lili Braun cria o Sindicato do Trabalho Doméstico, que propunha cozinhas coletivas para um edifício habitacional e administrado por terceiros, em substituição às cozinhas individuais. Ou seja, uma situação onde as mulheres estariam livres de, pelo menos, parte de um aprisionamento doméstico, configurado como uma jornada de trabalho extra não remunerada (KOPP, 1990)



experiência que favoreceu a fundação do Centro de Habitação da Universidade do Recife (LAPROVITERA, 2009; SOUZA, 2010).

Orientou a sua carreira para o campo da investigação, em particular, sobre as técnicas construtivas tradicionais do Nordeste no Centro de Habitação, criado em 1963. A partir de 1964, ela passou a coordenar o centro que foi renomeado para Centro de Estudos e Programação em Moradia – CEPHAB em 1967. O CEPHAB, permitia-a manter a ligação institucional com FAUR, onde a arquiteta teve uma bem sucedida carreira de pesquisadora, combinando dois tipos de vocações: a do técnico e a do pesquisador. LAPROVITERA, 2009, p.119).

Realizou pós-graduações em diversos países da América Latina, entre eles: Colômbia (1963), no Centro Interamericano de Habitação e Planejamento – CINVA; e em Lima no Curso Regular de Planejamento Urbano e Regional do Programa Interamericano de Planejamento Geral da OEA (1972). Atuou com profissionais como sociólogos, economistas, assistentes sociais, planejadores urbanos e engenheiros sobretudo, Hebe Gonçalves. As atividades do Centro eram subsidiadas pelas agências estaduais de planejamento, SUDENE e FIDEM (criada em 1972) (LAPROVITERA, 2009, p.119).

Desenvolveu projetos para o CNPq e para a SUDENE pesquisando alternativas no campo de habitação popular com a utilização de técnicas construtivas tradicionais, coordenou o convênio da Universidade do Recife com a SUDENE em estreita colaboração com a Escola de Serviço Social onde participou de atividades didáticas, Mota colaborou com o treinamento das assistentes sociais para o projeto de auto ajuda empreendido pelo Mosteiro de São Bento de Olinda (LAPROVITERA, 2009).

A arquiteta justifica que

no Nordeste do Brasil há uma experiência construtiva acumulada que merece ser conhecida e captada em diferentes aspectos, abrangendo além do uso de materiais e técnicas construtivas soluções de abastecimento d'água, para a guarda e cocção de alimentos, com também o tratamento dos espaços interno e externo das edificações. Buscou materiais não industrializados resultantes da simples extração em fontes naturais, como o barro, a madeira, a palha, etc, as edificações envolvem comumente práticas de autoconstrução por parte das populações pobres seja no meio urbano e/ou rural.

Buscou “preciosas lições de sabedoria popular tão cheias de simplicidade e criatividade”. (MESQUITA, MOTA, 2017: 41).

As arquitetas Neide Mota de Azevedo, Liana Mesquita, Ivone da Silva Salsa (também a fotógrafa do grupo) desbravaram o Nordeste documentando suas construções primitivas buscando subsídios para o trabalho com habitação popular, tendo elaborado a pesquisa *Métodos Construtivos Tradicionais* (1978). Suas pesquisas sobre as técnicas construtivas abriram uma nova perspectiva de atuação profissional, possibilitaram a criação de um núcleo de pesquisas de habitação e, sobretudo, a descoberta e desenvolvimento com Liana Mesquita, de um novo campo profissional: a ecologia urbana e a paisagem cultural<sup>11</sup> (Figuras 1 e 2).

---

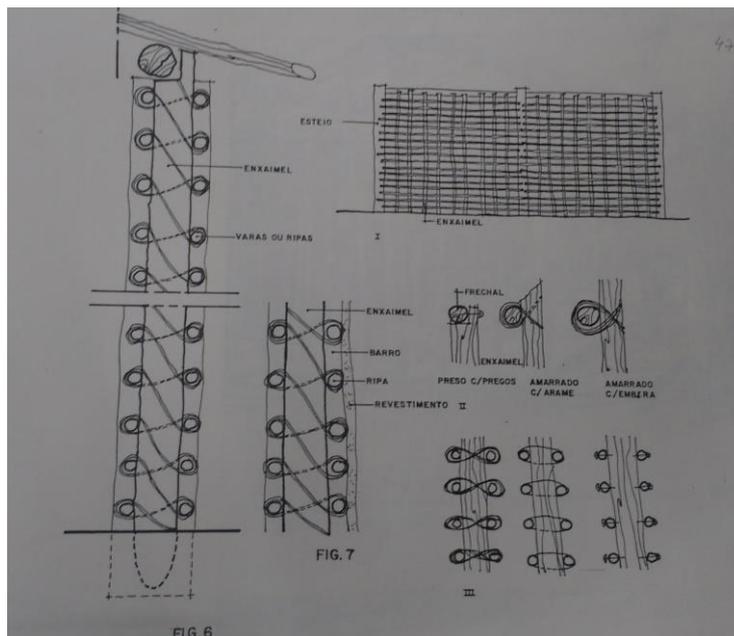
<sup>11</sup> Atualmente o Laboratório da Paisagem do UFPE, criado pela professora Ana Rita Sá Carneiro dá continuidade às pesquisas desenvolvidas por Liana Mesquita sobre paisagismo e ecologia urbana.



**Figuras 1 e 2:** Pesquisas no interior do Nordeste realizadas por Neide Mota.  
Foto: Guilah Naslavsky.

Neide Mota de Azevedo, juntou a familiaridade com as construções populares de seu passado vivido em meio rural, ao gosto e sensibilidade pelos detalhes construtivos implícitos nas técnicas tradicionais do Nordeste, e que a possibilitou se aproximar aos setores populares de construção bem como descobrir a criatividade de soluções espontâneas do povo do Nordeste (LAPROVITERA, 2009).

O trabalho *Métodos Construtivos Tradicionais* (1978), teve como objetivo levantar e inventariar as soluções para Problema habitacional em três estados do Nordeste: Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Foram pesquisadas 23 localidades no Sertão, 18 no Agreste, 16 no Litoral e Mata. Coordenada por Neide Mota do CEPHAB (Centro de Habitação) do Curso de Arquitetura da UFPE, em colaboração com a SUDENE, Centro de Artes e Comunicação da UFPE – e financiada pelo CNPq (MESQUITA, MOTA, 2017: 83), tinha objetivo de documentar métodos para construir com simplicidade e economia de recursos em regiões tropicais (Figura 3). As casas foram classificadas em “de taipa, de tijolo, de pedra ou mista e eram de reduzida área de construção e de poucos cômodos, (...) receberiam quando possível o acréscimo de um terraço uma cozinha mais ampla e/ou passariam a ter banheiro, (...) de uma forma geral os proprietários de casas de taipa gostariam de substituir as paredes de pau por paredes de tijolo e trocar a palha por telha de barro” (MESQUITA, MOTA, 2017,P.41).



**Figura 3:** Pesquisa no interior do Nordeste sobre métodos construtivos tradicionais realizada por Neide Mota



Foto: Guilah Naslavsky

Além dos métodos construtivos das casas, as arquitetas documentaram portas e janelas, sejam de madeira ou palha, esquadrias, elementos de vedação (painéis tecidos em folhas de coqueiro), tanques para lavagem de pratos e de roupas, mesas de tijolos para fogões, armador de redes, forquilhas, mesas, moedor de café, potes para armazenagem de alimentos, moedor de carne, soluções para armazenar alimentos.

As arquitetas recomendaram as construções em taipa em programas habitacionais em áreas urbanas, “com a introdução de melhorias, evitaria o sentido exótico e reservaria as vantagens reconhecidas (...) a taipa deve ser indicada quando os materiais de construção estejam a disposição no local e a mão de obra requerida seja familiar aos participantes. Algumas melhorias foram sugeridas tais como: pintura e caiação das paredes, evitar a irregularidade da textura das paredes uma vez que convertem-se em habitat de insetos transmissores da doença de chagas; sugeriram uma base de argamassa de cimento ou cal e areia servindo de alicerce aos esteios e aos enxaimel, além de utilização de vegetais no interior e no exterior construção com cercas verdes substituindo os muros. (MESQUITA e MOTA, 2017, 196-).

Para Laprovitera (2009:219), embora os estudos tenham sido realizados apenas na década de 1970, “seus conteúdos anunciaram o que foi objeto dos debates sobre O Brasil na década de 1960” interrompidos pelo golpe militar de 1964 e a criação do Banco Nacional de Habitação - BNH”.

O trabalho das arquitetas permanece atual, representa as novas demandas de ecofeminismo e sustentabilidade dos dias atuais, foi recentemente publicado com o título *Cidades do Nordeste: do Pote á Rua*. (MESQUITA, MOTA, 2017).

## **Alete Ramos e o planejamento urbano**

Alete Ramos nasceu em Maceió em 1939, ingressa na EBAP em 1959 e se formou em 1963, segundo a arquiteta, nessa época, embora os homens fossem a maioria, haviam muitas mulheres no Curso de Arquitetura.

Foi aluna de Borsoi e Amorim e exímia projetista, foi direcionada ao urbanismo (campo onde pode exercer sua autonomia profissional). Quando entrou na faculdade pretendia fazer projeto de arquitetura e desenho, mas dentro do curso descobriu o urbanismo, área pela qual se interessou bastante. O professor Acácio Gil Borsoi a marcou uma vez que o professor costumava levar os estudantes para as obras que ele projetava e as aulas eram práticas com visitas às obras.

Quando se formou foi obter formação complementar na França, entre 1965-66, e quando retornou já tinha deixado a função de estagiária na SUDENE para ser funcionária da COHEBE. Quando estava na França percebeu que deveria ter ido a Inglaterra, o berço das novas ideias sobre novas cidades e o país guia do desenvolvimento urbano e construção de novas cidades na época.

No início dos anos 70, na companhia de Vale do Sobradinho na Chesf, teve oportunidade de projetar a cidade Nova Iorque no Maranhão, juntamente com Cristina Jucá, Fred Holanda e Armando Holanda, entre outros grupos de sociólogos e assistentes sociais, pois a antiga cidade de Nova Iorque teve que ser destruída para a construção da COHEBE (Companhia Hidroelétrica da Boa Esperança) em 1968. Na construção da cidade, utilizou estruturas



pioneiras feitas de madeira, também utilizadas por Frank Svensson no Projeto Bebedouro em Petrolina.<sup>12</sup>

Para isso, a equipe liderada por Alete Ramos procurou utilizar tipologias mais próximas a cidade antiga a partir de levantamentos da antiga cidade, a fim de projetar a nova cidade baseada nos mesmos princípios que a anterior para que a população local pudesse ser realocada, entendendo a necessidade da inundação para a geração de energia elétrica. Utilizaram como partido os um dos elementos mais marcantes da cidade anterior: a praça central da Igreja. A partir dela, foram traçadas quatro artérias radiais a 135°, e mais duas a 90°, sendo uma a entrada norte da cidade e outra ligando à Praça do Mercado, sendo também um dos marcos da cidade antiga (HOLANDA, 2003).

Contudo, foram propostas mudanças em relação a cidade antiga. Em relação ao urbano, as ruas se tornaram mais largas, houve o aumento da escala de praças e quadras e o rompimento com a ortogonalidade da antiga cidade, além de propor a Rua dos Bambuzeiros e a Praça da Matriz. Foram propostos uso misto, descolamento das unidades habitacionais dos limites do lote mas com a manutenção do partido tipológico tradicional da cidade, que eram as casas em formato de “L” ou “U”, formando um pátio interno, além do uso de tijolos, argamassa e telhado em madeira e telha, típicos da cidade antiga (HOLANDA, 2003).

Na COHEBE foi indicada para receber uma bolsa de mestrado para a Inglaterra, onde ficou por três anos, e depois retornou à Companhia. Atuou também no BNH, e também fez inúmeras especializações no exterior.

Alete foi convidada para montar o programa de pós-graduação em planejamento urbano, junto com doze professores, sendo dois deles americanos. Com a repressão militar, demitiram todos da noite para o dia, e então Alete Ramos foi convidada por Ricardo Pontual, que dirigia a área de desenvolvimento urbano no BNH, para trabalhar no com ele. Foi convidada para um trabalho de áreas prioritárias, quando começa a fazer projetos fora da cidade relacionados à infra-estrutura e especulação imobiliária. Foram ao Peru acompanhar os estudos das área de expansão prioritária urbana.

Realizou também projetos de arquitetura, e inspirada nos ensinamentos de Delfim Amorim projetou uma casa na Av. 17 de agosto, onde atualmente funciona um laboratório médico. Fez também projetos para a família, mas disse em entrevista (DEZ. 2016) que para manter um escritório de arquitetura na geração dela era muito complicado.

Embora tenha afirmado que em sua vida profissional não sofreu discriminação de gênero, não se dedicou para o melhor filão da profissão e a área mais reconhecida que é o projeto arquitetônico.

### **Considerações finais**

Não se trata de entender todas as arquitetas que atuaram no Nordeste como as “outras”, mas identificar em que aspectos a ideia de alteridade e regionalismo construída para o Nordeste refletiu na obra dessas mulheres arquitetas, ou ainda, como puderam tirar partido dessas estratégias de aproximação a tradição cultural do Nordeste em suas obras, e em última instância, como suas atitudes profissionais refletem uma preocupação com as sustentabilidade de técnicas construtivas tradicionais, apontando para novas tendências contemporâneas como o eco feminismo.

---

<sup>12</sup>HOLANDA, Frederico de. Homenagem a Frank Svensson. Vitruvius, 2018. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/18.125/6871>>. Acesso em: 16/03/2019



Trata-se de identificar os caminhos profissionais de arquitetas no Nordeste brasileiro cujas carreiras extrapolaram o que estava estabelecido e consolidado do campo profissional, que essas arquitetas escolheram a partir de suas migrações intraregionais ou transregionais e que especialidades buscaram de modo a possibilitá-las a sobrevivência profissional num campo primordialmente masculino.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**; pref. Margareth Rago- 4 ed.rev.-São Paulo:Cortez, 2009.

AMORIM, Delfim Fernandes. Arquitetura e Construção. Página de Arquitetura nº 70. **Folha da Manhã**. Recife, 27 jan. 1957.

BARDI, Lina Bo. **Tempos de Grossura**. São Paulo, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi.1994. 78p.

BALTAR, Antônio Bezerra. in: MONTENEGRO, Antônio Torres; SIQUEIRA, Antônio Jorge; AGUIAR, Antônio Carlos M. de. (org.) *Engenheiros do Tempo. Memórias da Escola de Engenharia de Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995.

BALTAR, Antônio Bezerra. Breve Crônica da Escola de Belas Artes. In: *Revista da Escola de Belas Artes de Pernambuco*. Recife: Universidade do Recife; ano I -nº 1, 1957. p. 11.

BROWN, Denise Scott. **Sexism and the star system in architecture**. In: ARNOLD, Dana. *Reading Architectural History*. New York, Routledge, 2006. Pp.205-210.

Escola de Bellas Artes de Pernambuco. **A Província** . Recife, 10, jul. 1932, nº 109.

GATI, Andréa Halász. **Arte e Artesanato na Arquitetura de Interiores Moderna de Janete Costa**. Dissertação (Mestrado em Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

GÜREL, Meltem Ö; ANTHONY, Kathryn H.**The Canon and the Void: Gender, Race, and Architectural History Texts**. In: *Journal of Architectural Education*, 2006.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados. A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu* (5) 1995:pp.07-41.

file:///C:/Users/guila/Downloads/cadpagu\_1995\_5\_2\_HARAWAY%20(4).pdf

HAYDEN, Dolores Hayden. **"The Grand Domestic Revolution"** (1981).

HEYNEN, Hilde. **Genius, Gender and Architecture: The Star System as Exemplified in the Pritzker**. KU Leuven University Library, February, 2013.

\_\_\_\_\_. **Anonymous architecture as counter image: Sibyl Moholy-Nagy's perspective on American vernacular**. *The Journal of Architecture* · August 2008.

HEYNEN, Hilde and BAYDAR, Gülsüm (ed.) **Negotiating Domesticity: Spatial Productions of Gender in Modern Architecture**. Routledge, 2005.

HENDERSON, Susan R. **A Revolution in the Woman's Sphere: Grete Lihotzky and the Frankfurt Kitchen**. In: COLEMAN, Debra, DANTE, Elizabeth and HENDERSON, Carol. (editors) *Architecture and Feminism*, Princeton Architectural Press,1996. Pp. 221-253.



HOLANDA, Frederico de. **Arquitetura & urbanidade**, FRBH, 2003.

KOPP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. São Paulo: Nobel, SP; 1ª edição, 1990.

LAPROVITERA, Enio. **L'Architcte et le peuple à Recife (Brésil).1959-2209**. École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris 2009.

LEE, Rachel; SIDDIQI, Anooradha, 2018. **A Woman's Situation: Transnational Mobility and Gendered Practice**. In: CFP: EAHN, Talin, 2018. [https://www.academia.edu/33845580/CFP\\_EAHN\\_Tallinn\\_2018\\_A\\_Woman\\_s\\_Situation\\_Transnational\\_Mobility\\_and\\_Gendered\\_Practice](https://www.academia.edu/33845580/CFP_EAHN_Tallinn_2018_A_Woman_s_Situation_Transnational_Mobility_and_Gendered_Practice)

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX**. São Paulo: Altamira Editorial, 2014. Disponível em [https://femininoeplural.files.wordpress.com/2014/03/arquitetasalxx\\_final.pdf](https://femininoeplural.files.wordpress.com/2014/03/arquitetasalxx_final.pdf)

MARQUES, Sônia. **Maestro sem Orquestra: um estudo da ideologia do arquiteto no Brasil 1820-1950**. Recife, 1983. Dissertação (Mestrado), PIMIS. Universidade Federal de Pernambuco.

MESQUITA, Liana; MOTA, Neide. **Cidades do Nordeste do Pote á Rua**. Recife Cepe, 2017.

MOTA, Neide et al. **Métodos Construtivos Tradicionais do Nordeste**. Recife: SUDENE, 1978, mimeo.

NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim**, (2004), 270p. Tese (Doutorado)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo (2004).

\_\_\_\_\_. **O Nordeste na Historiografia da Arquitetura Moderna Nacional**. In: Seminário DOCOMOMO (5: 2014: Norte/Nordeste, Fortaleza) Projeto, obra, uso e memória: a intervenção no patrimônio modernista/ Clovis Ramiro Jucá Neto, Ricardo Paiva (orgs.) Fortaleza: DAU/UFC, 2014.pp:1-09.

\_\_\_\_\_. **Tradição do Nordeste brasileiro na obra de três arquitetas: Lina Bo Bardi, Janete Costa, e Neide Mota de Azevedo**-Financiamento CAPES. In: 7 Docomomo Norte Nordeste, 2018, Manaus. 7 Docomomo Norte Nordeste. Manaus: UFAM.

RAMOS, Alete. **Entrevista a Guilah Naslavsky**. (DEZ., 2016).

Regulamento do Vº Congresso Brasileiro de Arquitetos. In: Página de Arquitetura, nº 84. **Folha da Manhã**. Recife, 5 maio 1957.

ROCHA, Edileusa Oliveira. **Entrevista a Guilah Naslavsky**. (NOV., 2016).

ROCHA, Edileusa Oliveira. **Entrevista a Guilah Naslavsky**. (ABRIL, 2019).

SAVIANI, Dermeval. **A expansão do Ensino Superior no Brasil: Mudanças e Continuidades**. In: Poíesis Pedagógica - V.8, N.2 ago/dez.2010; pp.4-17.

SILVA, Marcos Domingues da. **Entrevista a Guilah Naslavsky**. (04/ JULHO/2003).

SILVA, Minnette de. **The life & work of an Asian woman architect** (Volume I), Colombo, 1998,

SOUZA, Diego Beja Inglês de. **Reconstruindo Cajueiro Seco: arquitetura, política e cultura popular em Pernambuco (1960-64)**. São Paulo: Annablume, 2010. 218p.

TORRE, Susana (2002). **Teaching Architectural History in Latin America: The Effusive Unifying Architectural Discourse**. In: *Journal of the Society of Architectural Historians*. Vol.61.No. 4 (Dec. 2002) pp.549-558. University of California Press. Stable URL: [Http://www.jstor.org/stable/991875](http://www.jstor.org/stable/991875). Acesso: 07-12-2015 23:03 UTC.